

## Paisagem sonora do Boi do Norte: música que cura todos os males

Beatriz Helena Furlanetto<sup>1</sup>, Salete Kozel<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, pianista e professora assistente da Universidade Estadual do Paraná/ Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

<sup>2</sup>Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná.

Recebido em 04/2012. Aceito para publicação em 12/2012.

Versão online publicada em 01/02/2013 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

**Resumo:** O texto discute o conceito de paisagem sonora na perspectiva da geografia cultural. Ao contemplar a dimensão material e simbólica da existência humana, a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais e emerge segundo as experiências de cada indivíduo. Para Berque, a paisagem é marca e matriz da cultura, expressa uma civilização e transmite usos e significações de uma geração à outra. Cosgrove considera a paisagem como um texto cultural, que apresenta a possibilidade de múltiplas leituras apreendidas através de poesias, letras de músicas, filmes, pinturas e outras representações. A paisagem sonora é o ambiente sonoro da humanidade, um conjunto sempre presente de sons que estão constantemente em mutação, de acordo com Schafer. Nesse sentido, é possível investigar a paisagem sonora do boi-de-mamão, considerando-o uma criação coletiva capaz de revelar os sentidos que determinados sujeitos atribuem ao seu ambiente. A pesquisa tem como orientação a abordagem fenomenológica, fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo. O boi-de-mamão, denominação atribuída ao bumba-meu-boi nos Estados do Paraná e Santa Catarina, é um folguedo brasileiro resultante da união de elementos das culturas europeia, indígena e africana, na qual o boi é a principal figura de representação. Com o objetivo de apreender os sentidos que os participantes do folguedo atribuem ao seu espaço, realizou-se a análise parcial de uma entrevista com a vice-presidente do Boi do Norte, um grupo de boi-de-mamão da cidade de Antonina, no litoral paranaense. São apontadas algumas reflexões que emergem da fala da entrevistada, como questões relacionadas à sociabilidade, à espacialidade e à música. Considerando a fase inicial dessa pesquisa, os resultados são parciais, mas evidenciam a riqueza do objeto e a urgência de maiores investigações.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural. Paisagem Sonora. Arte popular. Boi-de-mamão.

### Introdução

A paisagem é um conceito valioso para uma geografia efetivamente humana, afirma Cosgrove (1998, p.100), pois “paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte”. O autor considera a paisagem como um texto cultural, que apresenta a possibilidade de muitas leituras diferentes e simultâneas, e defende a ideia de aplicar à paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema ou um quadro, de tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados. Também Corrêa e Rosendahl (2007) acentuam a possibilidade de estudar a paisagem por intermédio de textos diversos, como as letras de músicas, poesias, filmes, pinturas e outras representações.

Nesse sentido, na perspectiva da geografia cultural, é possível investigar as paisagens culturais a partir das manifestações populares tradicionais, no caso o boi-de-mamão paranaense, conside-

rando-o uma criação coletiva capaz de revelar as representações de determinados grupos humanos, apreendendo os sentidos que esses indivíduos atribuem ao seu ambiente.

O bumba-meu-boi<sup>1</sup> é uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro: “bumba” é uma interjeição onomatopáica que indica estrondo de pancada ou queda – bumba-meu-boi significa bate ou chifra meu boi. O folguedo surgiu, aparentemente, no nordeste do Brasil e disseminou-se por quase todo território nacional. Ao espalhar-se pelo país, adquiriu nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes: no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi-de-reis, boi-surubi ou boi-zumbi; no Paraná e em Santa Catarina é boi-de-mamão<sup>2</sup>, entre outras denominações.

No litoral paranaense há quatro grupos de boi-de-mamão: Boi do Norte e Boi Barroso em Antonina, Boi Mandicuera na Ilha dos Valadares, em

Paranaguá, e Boi-de-mamão do Grupo Folclórico de Guaratuba. O Boi do Norte remonta quase um século de tradição. Entretanto, o boi-de-mamão é uma prática social com pouca visibilidade no estado do Paraná: uma pequena parte da população mantém viva essa manifestação cultural e poucos paranaenses parecem conhecer o folguedo.

Para entender como as pessoas sentem e interpretam as suas próprias ações, a investigação da paisagem sonora do boi-de-mamão, ainda em andamento, é orientada pela abordagem fenomenológica, fundamentada na análise documental<sup>3</sup>, bibliográfica e pesquisa de campo.

A fenomenologia se baseia na interpretação dos fenômenos, na intencionalidade da consciência e na experiência do sujeito, na realidade que é construída socialmente, conforme Paviani (1998). O ser humano é visto como existência, como infinitamente pessoal: sentimento e experiência estão inclusos no processo.

Busca-se a compreensão do viver humano e não de definições ou conceitos prévios: os fenômenos podem ser revistos sob nova interpretação. O indivíduo e o coletivo estão em foco através da música, da linguagem, da cultura e das representações, exploradas a partir da paisagem sonora do boi-de-mamão paranaense. Assim, parte-se do indivíduo como base para pensar o coletivo, compreendendo a cultura como valores, saberes e práticas de um determinado grupo, o que resulta em trabalhos com abordagem humanista-cultural.

Como estratégias de investigação nas pesquisas de campo<sup>4</sup>, estabeleceu-se a observação das apresentações dos grupos de boi-de-mamão, registradas por meio de fotos e filmagens; a audição de toadas gravadas em CDs; contatos e entrevistas semi-estruturadas com os dirigentes dos grupos paranaenses.

Willes, Rosenberg e Kearns (2005) ilustram as distintas possibilidades da análise narrativa para a interpretação das entrevistas faladas, considerando-a um valioso instrumento para os que buscam perceber o contexto de diferentes indivíduos e grupos, como eles compreendem e dão significado às suas próprias experiências. Os autores sugerem a utilização de diferentes abordagens para a análise narrativa, como a natureza multidimensional e contextual da fala, os modos como os grupos usam e interpretam a fala, o componente avaliativo e as características da fala para uma abordagem rica e sensível na interpretação das entrevistas. Através de expressões orais, torna-se possível conectar detalhes íntimos das experiências, atitudes e reflexões de âmbito social e espacial dos

entrevistados.

Os gestos, as expressões, as entonações, as alterações de ritmo, as hesitações, os sinais não-verbais, enfim, durante as entrevistas faladas, há uma comunicação não-verbal muito importante para a compreensão e validação (ou não) do que é efetivamente dito. Um dos maiores desafios do entrevistador é descrever os sentimentos expressados pelos entrevistados. As reticências e os silêncios que surgem durante a entrevista, bem como as frases sem conclusão, abrem um horizonte para suposições, as rupturas podem ocultar medos, inseguranças, despertar antigas lembranças. Assim, é imprescindível que o entrevistador tenha não somente uma grande capacidade de ouvir o entrevistado, mas mantenha-se atento à linguagem corporal, para posteriormente analisar e interpretar as informações obtidas.

A entrevista falada contribui para ampliar e diversificar as informações necessárias à construção do objeto de pesquisa: a fala do outro pode corroborar (ou não) os dados publicados por órgãos oficiais, e revelar determinadas perspectivas não contempladas em outras fontes de investigação.

O folguedo do boi adquiriu (e continua adquirindo) inúmeras modificações locais por todo país, sendo possível encontrar grupos distintos em uma mesma região, como se verifica no litoral paranaense. Em cada grupo, diferentes personagens, enredos, músicas e instrumentos dão vida ao “boi bailante”<sup>5</sup>, elemento físico recorrente em todas as modalidades do folguedo, em torno do qual se agrega um grupo de brincantes<sup>6</sup>.

## **Paisagem Sonora**

A geografia cultural investiga o papel que o espaço tem na vida dos homens, a maneira como o espaço é utilizado pelos homens e o sentido a ele atribuído. Assim, os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com seu meio.

A espacialidade humana e os processos sociais construtores de espaço estão constantemente permeados pela cultura, e investigar a cultura é deparar-se com a pluralidade humana.

A cultura, de acordo com Claval (1999, p.79), é a “soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte dela”.

Cada cultura apropria-se da natureza e dos elementos presentes no meio onde habita, trans-

formando-os, o que é expresso na paisagem.

“Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”, afirma Cosgrove<sup>7</sup> (1998, p.108).

O simbólico referencia a cultura do grupo ao qual o indivíduo pertence, e cada sociedade tem uma maneira muito particular de interpretar o espaço geográfico. Portanto, a paisagem não se restringe ao meio, mas expande-se em significados, fala do homem e manifesta seu ser.

A paisagem exprime o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza: a paisagem é, simultaneamente, marca e matriz da cultura, segundo Berque (1998), pois expressa uma civilização e transmite usos e significações de uma geração à outra. Para o autor, paisagem e sujeito<sup>8</sup> são cointegrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se autorreproduz, ou seja, a paisagem não reside no sujeito nem no objeto, mas na interação complexa entre esses dois termos. Nesse sentido, a análise da paisagem não se limita ao aspecto visual, pois a visão é insuficiente para captar os elementos físicos e simbólicos da paisagem.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não apenas a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998, p. 87).

Percebe-se, portanto, que os sons, os cheiros, o paladar, as formas e os símbolos ganham destaque na paisagem. Os sons marcam diferentes tempos e lugares: vozes, sotaques, ruídos e músicas de determinados lugares fazem parte das sensações ali experimentadas, das percepções ali adquiridas.

Em meio a um bosque ou mata fechada, por exemplo, pode-se ouvir o som do vento, das águas, dos pássaros. Nas grandes cidades percebem-se os sons mais ruidosos, como o motor dos automóveis e motocicletas, as buzinas, os alarmes, as músicas dos alto-falantes em frente aos estabelecimentos comerciais, e inúmeros outros sons que diferem em qualidade e intensidade.

Considerando os sons como indicadores de época que revelam acontecimentos sociais e políti-

cos, Schafer (1991, 2001) apresenta as peculiaridades das paisagens sonoras<sup>9</sup> de diferentes lugares, suas transformações no decorrer da história da sociedade ocidental e como essas mudanças afetaram o comportamento humano.

O autor esclarece, ainda, que os sons afetam os indivíduos de modo diferente, e um único som pode estimular uma variedade de reações, bem como, diferentes grupos culturais têm atitudes variadas perante os sons ambientais. Nesse sentido, os sons fundamentais de um determinado espaço ajudam a delinear o caráter dos homens que vivem no meio deles.

A paisagem sonora é o ambiente sonoro da humanidade, um conjunto sempre presente de sons que estão constantemente em mutação: sons naturais provenientes da natureza, sons mecânicos produzidos por máquinas, sons agradáveis e desagradáveis, fortes e fracos, ouvidos ou ignorados, com os quais os homens convivem (SCHAFFER, 2001).

A paisagem sonora é cultural e, assim como a fala, a música faz parte da paisagem sonora, refletindo a identidade de um lugar e de seus habitantes.

A identidade sonora de um lugar pode estar representada em uma música. Para Kong (2009), a música pode veicular as imagens de um lugar e servir como fonte primária para a compreensão da natureza e da identidade dos lugares. Enquanto uma forma de comunicação cultural, a música também pode ser um meio pelo qual identidades são (des)construídas.

De acordo com Torres e Kozel (2010), a cultura, a paisagem e o lugar concedem as bases para a construção musical em diferentes espaços.

O estudo da cultura e da paisagem pautado na paisagem sonora, possível por meio de uma abordagem geográfica humanista-cultural, traz à luz as preocupações com a compreensão de como o indivíduo e o coletivo constroem e concebem o espaço. A paisagem sonora é, dessa forma, apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura (TORRES e KOZEL, 2010, p.128).

Na perspectiva da geografia cultural, os estudos sobre a paisagem, entendida como uma construção, um produto da transformação do ambiente em cultura, podem contribuir para a compreensão dos significados que os homens atribuem aos espaços. Percebe-se, portanto, a relevância da

perspectiva cultural na ciência geográfica, capaz de contemplar o folguedo do boi no âmbito do material e do imaterial das relações espaciais.

### **Paisagem Sonora do “Boi do Norte”**

Para desvelar as relações existentes entre a música e a paisagem cultural, Torres e Kozel (2010, p.130) apontam a utilização de vários aportes metodológicos, como entrevistas, mapas mentais e análises de trechos de músicas, os quais servem como “subsídios para uma leitura das representações acerca do lugar estudado, e da dimensão que o elemento sonoro toma no contexto desse espaço pelos seus moradores”.

A investigação da paisagem sonora do boi-de-mamão em Antonina efetivou-se através da observação de algumas apresentações do folguedo, da audição de toadas, e da realização de entrevistas semiestruturadas com Elisabeth Carraro e Vera Lúcia Nascimento, diretoras do Boi Barroso, Alessandra de Souza Torres, vice-presidente do Boi do Norte, e Rui Graciano, compositor musical deste grupo.

Esse texto apresenta resultados parciais da busca dos sentidos que os participantes do boi-de-mamão atribuem ao seu espaço, a partir da análise preliminar da entrevista realizada com Alessandra de Souza Torres, em Antonina, no dia 08/12/2011. São apontadas algumas reflexões que emergem da fala da entrevistada, como questões relacionadas à sociabilidade, à espacialidade e à música.

### **Antonina**

Em 1714 um pequeno povoado constrói uma capela em louvor a Nossa Senhora do Pilar, ficando esse lugar conhecido como Capela, e seus moradores como capelistas. Essa freguesia<sup>10</sup> passa à categoria de vila em 1917, com a designação de Antonina em homenagem ao príncipe da Beira, Dom Antônio, filho de Dom João VI e Dona Carlota Joaquina.

Situada na orla atlântica do estado do Paraná, a cidade de Antonina, considerada uma das mais antigas povoações do estado, atualmente possui em torno de vinte mil habitantes. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar ainda se destaca como referência religiosa, como marco histórico e por sua localização privilegiada, de onde se pode apreciar a beleza natural paisagística – a Baía de Antonina e o tapete de árvores que cobre toda a região.

O patrimônio histórico do município inclui ruínas, calçamento de pedras, ruas estreitas e construções que remontam ao Brasil colonial. O ritmo

tranquilo do cotidiano se agita durante o carnaval, uma das festas mais tradicionais da cidade, quando as famílias antoninenses e os turistas lotam as ruas de fantasias, sons e alegria.

A tradição também marca o desfile das escolas de samba e dos blocos carnavalescos de Antonina, entre eles os grupos inspirados no folguedo do boi, como o bloco folclórico do Boi do Norte, fundado na década de 1920, e o do Boi Barroso, criado em 2007.

Os personagens, as narrativas, as indumentárias, os instrumentos, as toadas, as relações sociais, as espacialidades dos grupos, enfim, toda riqueza do folguedo do boi parece cantar os atributos culturais locais, despertando múltiplas interpretações.

### **A música que cura todos os males**

“A música que cura todos os males” é o tema principal do Boi do Norte, e se destaca na fala da vice-presidente do grupo Alessandra de Souza Torres. Para a construção do texto, são citadas algumas partes dessa entrevista.

Alessandra tem 38 anos, nasceu em Recife, é católica, casada e tem quatro filhos. É professora de educação especial e educação infantil, tem curso superior, trabalha no Paraná há quinze anos e mudou-se para Antonina há cinco anos. Quando foi morar no bairro Caixa d'Água, onde reside o Sr. Lauro dos Santos, vigia do teatro municipal e presidente do Boi do Norte, ele convidou-a para participar do grupo. Ela e o marido já estavam envolvidos com atividades de dança e teatro em Antonina, porque gostam muito de arte, e por isso aceitaram o convite, passando a integrar o bloco.

*O carnaval é a gente que batalha pra tirar*

*- O que você faz no boi?*

Minha função é vice-presidente, porém como o bloco é grande pro desfile, mas o grupo de trabalho é pequeno, a parte cênica somos nós que coordenamos, tem a parte da bateria que o Eric ajuda também e toda parte de fantasia, de adereços, de carro, tudo somos nós que fazemos. O carnaval é a gente que batalha pra tirar.

*- Quantos integrantes tem hoje, que saem na avenida?*

A gente consegue sair, agora, o nosso máximo é 200 pessoas porque nós temos dois mil reais só de verba. A gente não cobra a fantasia, é...as fantasias são dadas, né, emprestadas, tem quem devolve e quem não devolve, paciência. Mas como não tem custo nenhum pra quem faz, porque a maior parte do pessoal é carente, né, o pessoal do portinho, do morro, então não tem dinheiro pra bancar dez reais que seja uma fantasia, então a gente pega o dinheiro da prefeitura, pega o nosso chapeuzinho

na mão, pedimos ajuda pra um, pra outro, e assim a gente consegue levantar a verba pra poder tirar o bloco sem que tenha custo pra quem entra. De repente, uma ou outra pessoa que fale “ah, mais eu quero ajudar”, daí beleza, mas se chegar perguntar “tem custo pra...pra...” qualquer pessoa que entra, a gente fala “não tem custo”, qualquer pessoa que quiser ajudar, ela entra com uma colaboração qualquer.

*- E desse pessoal que participa do desfile, tem mais crianças, adolescentes ou de mais idade?*

O bloco é assim: a gente dá mais (com ênfase) prioridade, a prioridade nossa é a criança, são as crianças, mas a gente tem, é, tem o adolescente, tem o catador de papel, tem o morador de rua, e daí a gente tem, é por, por uma questão mesmo social, a gente quer levar essa questão social, porque sempre foi assim: o boi era um bloco sujo, do pessoal maltrapilho, a gente mudou essa (com ênfase) visão, né. O boi saía com pano sujo, assim, é tradição, era tradição, mas era uma coisa assim que as pessoas olhavam e falavam: -“Vamos sair no boi?” -“Ah, no boi?” Eles não gostavam muito sabe, eles tinham um certo receio pela situação que saía. A gente, quando a gente entrou com o Lauro, a gente resolveu mudar a visão, vamos fazer uma fantasia bonita, um negócio bacana, uma coisa de bom gosto e que, na hora que passar na avenida, ninguém sabe quem é o catador de papel, que é o morador de rua, quem é a criancinha que mora no morro, quem é o filho do médico que saiu, porque sai tudo igual. Então a gente modificou isso.

*Eles brilham tanto quanto todo mundo*

*- E qual você acha que é a grande contribuição do bloco do boi na vida dos participantes?*

Como eu falei, no caso do carnaval, a gente alcança essa meta: eles estão lá na avenida, eles são as estrelas da avenida, eles não precisam ter um centavo no bolso, mas eles brilham tanto quanto todo mundo, é um valor que eles sentem (com ênfase) que eles têm a hora que eles passam na avenida, e todo mundo que tá lá aplaude e acha bacana, e cumprimenta.

O bloco do Boi do Norte é constituído por pessoas de baixo poder aquisitivo, a participação no grupo e o desfile na avenida parece representar o reconhecimento e o respeito da comunidade, através da arte. Do ponto de vista do brincante, cantar e dançar com o boi é também ser visto e admirado, e isso é parte da brincadeira.

A fala da entrevistada revela uma mudança estética na apresentação do grupo, que passou a buscar uma “fantasia bonita”, o que nos remete a Meyer (1993, p.212-213): “Todos os folguedos populares têm compromisso com a beleza. [...] E a paixão gera beleza”.

Ao observar as apresentações do grupo na avenida e em outros eventos, percebe-se que, entre fantasias e máscaras, improvisos e coreografias,

desfile e brincar com o boi parece despertar uma alegria que se configura como uma aspiração ao riso e à liberdade, irradiando certa beleza em cada rosto, “a beleza tal como é desejada, preparada e sentida por aqueles que põem a festa na rua, tal como é recebida e sentida por quem a ela assiste e da qual acaba participando” (MEYER, 1993, p.176).

O boi-de-mamão se revela como um espetáculo total, reunindo teatro, música e dança.

Bollnow (2008), em suas reflexões sobre a espacialidade da vida humana, questiona o que motiva as pessoas a dançar. O autor conclui que, na dança, o homem ganha uma relação modificada com o espaço, diferente daquela de sua vida cotidiana: a divisão entre o homem e seu mundo é vencida, o homem se torna uno com o espaço, experimentando uma ruptura do mundo cotidianamente prático. O movimento da dança, denominado como “movimento presentual”, ou seja, que se completa no puro presente, é “algo intrinsecamente prazeroso, repousa em si mesmo, sem apontar para uma meta externa a si, preenche seu fim em si mesmo” (ibid, p.270). Nesse sentido mais profundo da dança, considerada uma experiência metafísica, reside o infinito contentamento, que preenche o homem com uma alegria indizível.

A ideia de uma fusão do homem com o espaço, experimentada na dança, se estende à música: “(...) no espaço acústico, os sons fluem imediatamente através dos seres humanos”, afirma Bollnow (2008, p.321): “volta a manifestar-se a experiência, difícil de conceber, de que esse espaço esteja intimamente ligado com o homem, que aparece como um meio quase tangível, palpável, no qual o homem está contido”. Para o autor, essas experiências se encontram em um âmbito anterior à formação da consciência objetiva do homem.

Pallasmaa (2011) também relaciona a expressão artística com os significados pré-verbais do mundo, significados que são incorporados e vivenciados, em vez de meramente entendidos de modo intelectual. O autor considera como tarefa da arte a reconstrução da experiência de um mundo interior indiferenciado, no qual não somos espectadores, mas ao qual pertencemos de modo indissolúvel. “Nas obras de arte, a compreensão existencial advém do nosso próprio encontro com o mundo e do nosso estar-no-mundo – ela não é conceitualizada ou intelectualizada” (PALLAS-MAA, 2011, p.25).

Entendidas como uma experiência metafísica, a dança e a música promovem a expansão do saber humano, geralmente limitado pela ênfase no modo conceitual do pensamento científico.

A arte pode ser um caminho para a sociabi-

lidade e para a conquista de uma vida mais plena e criativa. Entretanto, a participação em um evento que ocorre apenas uma vez por ano, como o bloco carnavalesco, e que mobiliza as pessoas durante dez a vinte dias, dificilmente promove mudanças significativas em uma comunidade.

#### *Hoje em dia a gente não tem sede*

[...] Hoje em dia a gente não tem sede, a gente tá batilhando o CNPJ, que desde 1920 não tem CNPJ. Cada vez que a gente chega no cartório falta alguma coisa. Aí nós estamos com projetos pra, pra, as aulas que o Rui vai dar de violão e a Soraia vai dar técnica vocal e violão pra comunidade, pra adolescentes, acima de 10 anos e pros meninos, alguns que já estão no bloco, né, nós já temos de percussão e de construção de bateria.

#### *- Confeção de instrumento?*

Confeção de instrumento e o cênico, porque o grupo cênico, por ora, né, são os mais velhos, mas a gente quer pôr os menores porque amanhã ou depois eu não posso, o fulano não pode, aí não vai acontecer porque alguém não pode. Então, a gente quer dar o cênico também. Só que nós não conseguimos um lugar pra dar essas oficinas.

#### *- Esse projeto seria para estar viabilizando um trabalho com as crianças e adolescente durante o ano inteiro?*

Durante o ano inteiro porque a questão é assim: boi pra sair no carnaval não tem tanta validade, não tem um trabalho, tem um trabalho assim da gente pegar janeiro e fevereiro e correr atrás, mas é tanto pelo tempo, serve pra que o bloco? Se não tiver um trabalho que tenha uma formação, que pegue o menininho que tá lá, que saiu do colégio e tá lá na rua ou na 'lan house' jogando joguinho, a gente não adianta. Então a proposta é esta, tirar as crianças da rua, manter eles fora da rua.

#### *- Vocês estão enfrentando algum problema com drogas?*

Olha, dos nossos ainda, eu ainda não tive nenhuma certeza, mas pela localização de moradia, a gente sabe que o Morro tem tráfico (*diminui o volume da voz*), a gente sabe que o Portinho tem tráfico, então, provavelmente alguns deles tenham acesso. Aí tem alguns alunos da APAE, alguns meninos e meninas que podem estar incluídos nesse projeto também, mas nosso problema, por ora, é o lugar [...].

A questão que se destaca na fala da entrevistada é a ausência de uma sede, um espaço para efetivar o projeto social e a sociabilidade entre os integrantes, bem como o armazenamento das fantasias e instrumentos. Percebe-se também a preocupação do grupo em oferecer um projeto social às crianças e adolescentes expostos à situação de vulnerabilidade social.

Envolvendo os participantes em atividades artísticas ao longo do ano, o Boi do Norte pode pos-

sibilitar uma ampla rede de relações sociais, contribuindo de diferentes maneiras para a integração das pessoas, fortalecendo suas identidades e valorizando a cultura local e regional.

O esporte e a arte estão presentes em vários projetos brasileiros que visam promover a cidadania e a inclusão social, oferecendo oportunidades de profissionalização e sociabilidade à população infanto-juvenil com pouco acesso às atividades de cultura e lazer.

Em muitos projetos sociais, a música tem sido utilizada como elemento de integração social, porém, mais que um lazer, a música possui um valioso recurso educativo capaz de promover processos de conhecimento e de autoconhecimento. A educação musical favorece “modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade”, conforme Kater (2004, p.44).

Portanto, nos projetos sociais, a música pode (e deve) fomentar a recriação dinâmica de vínculos, valores e atitudes, contemplando uma formação integral aos participantes. Aparentemente, essa é a intenção do grupo Boi do Norte.

#### *A música que cura todos os males*

#### *- Quais são as apresentações que vocês fazem, quando não é carnaval?*

Então, quando tem um convite de uma entidade ou outra, um evento cultural, aí é feito a bateria, o Rui e a Soraia cantam todas as músicas e é feita a apresentação cênica que aparece, que retrata a morte do boi, o amor que o dono tinha pelo boi, conta a ressurreição dele que se dá com a música. O tema é assim: a música que cura todos os males. O fazendeiro chega na fazenda dele e ele se depara com o boi comendo toda plantação. [...] Ele chama o toureiro, que tem na história, o toureiro entra e mata o boi [...]. Aí chega o dono, o dono do boi que ele adora, a gente batizou o boi de “Xodó”.

#### *- Hm*

Então ele chega: - “Xodó!” E ele é muito simples, de chapéu de palha e camisa xadrez, procurando o Xodó, ele pergunta e as pessoas falam que ele tá lá, morto. [...] Aí ele pergunta: - “Tem algum médico por aí?” Aí entra a enfermeira guinchando o médico.” [...] Aí ele vai, ouve o coração do boi, ele escuta que o coração bate, a bateria tá lá “tum, tum, tum, tum” (*com gestos*), aí ele fala: - “Não sei o que está acontecendo, mas o coração dele tá batendo.” Aí ele vai lá, olha na frente os olhos do boi e fala: - “Ah ele é tão lindo, se eu fosse uma vaca eu me apaixonaria por ele.” (*risos*) Daí ele fala: - “Vamos ver aqui atrás.” Quando ele levanta o rabinho do boi, o menino da bateria faz “buuum”. Aí ele fala: - “Meu Deus do céu, seu boi tem um coração que bate e um pum que fede muito.” Ele fala e

todo mundo se abana, se abana, se abana. (*risos*) [...] Ele volta: -“Como eu sou um excelente profissional, né, eu vou curar o seu boi”.

- *Hm*

Aí ele vai e fala assim: -“Vamos ver o que aconteceu com seu boi. Talvez o que matou seu boi não tenha sido uma facada, mas pode ter sido falta de alegria.” Aí ele traz o palhaço. O palhaço é muito ruim é terrível, ele não tem a menor graça, o palhaço é horrível, ele fala assim: -“Você traz as coisas do Paraguai pra cá e ainda quer vender pra gente.” (*risos*) Aí sai o palhaço, daí ele pega e fala assim: -“Tá, e se ele visse a pessoa mais bonita do bloco?” Que é considerada a rainha. Aí entra a rainha e ela pergunta no que pode ajudar e contam toda história para ela e pedem para que ela cante para ele. Aí ela canta: -“O meu boi morreu, que será de mim?” Só que não adianta, o boi não ressuscita. Aí, no finalzinho eles ficam pensando, pensando, não tem jeito, mulher bonita não adianta, a alegria, nada ressuscitou seu boi. E esse palhaço volta todas as horas, ele acha que tem graça, tá voltando o tempo inteiro, tentando entrar na história. Aí ele pergunta: -“O que que seu boi gostava?” -“Ah, meu boi gostava muito de música, do som do tambor.” (*destacando o 'r'*) Ele ainda fala assim bem “acaipirado”. Daí ele pede pra bateria um toque. A bateria dá um toque, o boi dá uma sacudida.

- *Hm*

Dois toques então “pam pam”, ele dá uma dançadinha. Daí ele fala: -“Nossa doutor, tá dando certo, meu boi tá ressuscitando.” Aí ele pede pra toda bateria tocar. Aí, depois que a bateria toca, o boi levanta, dança com um, dança com outro, o estandarte, vira uma festa, aí o mestre fala que realmente a música cura todos os males. No caso como a gente tem, né, pra nós, a música sem a bateria a gente não sobrevive, sem a parte musical a gente não sobrevive. E termina assim, assim toda uma festa da ressurreição do boi, o médico muito feliz porque recebeu, né, a enfermeira também.

Depreende-se que a comicidade<sup>11</sup> se destaca no Boi do Norte, bem como nos demais grupos paranaenses, como mostram as investigações.

A sabedoria popular referenda a música como “remédio para todos os males”, pela influência poderosa que ela exerce sobre o homem. Afinal, a arte musical fomenta o desenvolvimento da vida afetiva, intelectual e social do homem, contribuindo para sua condição de ser pensante.

A musicalidade de um povo ou grupo social é uma construção social, cultural, ambiental e histórica, de acordo com Abreu Silva e Costa Silva (2009, p.101): “as músicas também são características dos lugares. Diversos lugares podem ser assimilados por determinados estilos musicais, que é o caso de Parintins com as suas 'toadas de boi'”. Para os autores, as toadas de boi têm as suas especificidades, tanto no seu aspecto instrumental, melódico e rítmico quanto em seu aspecto narrativo, que con-

tribuem numa identificação da música com o lugar.

Nesse sentido, as toadas do Boi do Norte podem revelar os atributos culturais de Antonina e sua comunidade. Tal análise ainda não foi realizada, apenas se constatou a influência da percussão do boi-bumbá de Parintins nos ritmos da bateria, informação obtida com Eric, o mestre da bateria do grupo.

O diálogo com Parintins também se percebe na toada de 2009, do grupo Boi Barroso: “[...] Mais que Garantido, muito mais que Caprichoso, é meu Boi Barroso, é meu Boi Barroso [...]”. Portanto, parece haver um intercâmbio cultural entre o sul e o norte do país, o que aponta múltiplas escalas operando no boi-de-mamão de Antonina.

*A gente mantém as músicas tradicionais*

[...] Mas a gente mantém as músicas tradicionais, lá do tempo do Bedenaque (*fundador do boi na década de 1920*). [...]

*- E quais são os personagens principais do boi?*

Nós temos o Boi e o Nanico, que são os bonecos, o Boi a gente tem o branco e o preto, o Nanico que é aquela ave branca, que o menino vai embaixo. Aí tem a parte cênica, que tem o dono do Boi, o Fazendeiro, o Médico, a Enfermeira, o Palhaço, a Rainha e o Toureiro. Esses são os personagens principais, os que tocam e a bateria. E aí tem toda uma tradição, tipo, a bateria tem que sair de chapéu e tem que sair de camisa xadrez.

*- Por que?*

Porque era como saía [...] Aí às vezes a gente tem que adaptar, dependendo do tema, a gente tem que adaptar o uniforme da bateria. Mas quando a gente tem que fazer alguma apresentação, é camisa xadrez, é calça preta e é chapéu de palha. No carnaval não, no carnaval a gente faz assim, até o Rui (*compositor e músico do boi*) usa essa expressão “Carnaval é espetáculo”, então no carnaval a gente faz algumas modificações.

*O boi tradicional é branco*

*- Seu boi é sempre preto?*

Um preto e um branco, o boi tradicional é branco, mas como no histórico tem um preto, a gente faz um preto também. O branco nosso, ele é o antigão mesmo, ele é de madeira, ele é muito pesado.

*- Você ainda usa ele assim?*

Usamos, ele tem que usar, porque ele é o tradicional, é aquela cabeça de lã de 1920, é a mesma cabeça que a gente só reveste porque ela não tem mais couraça nem nada, então a gente usa uma pelúcia, reveste, deixa ele bonitinho e manda ele branquinho pra avenida.

A tradição mantida e preservada nas formas dos brinquedos populares, como o bumba-meu-

boi, para Meyer (1993, p.218), se assemelha a uma “fênix renascida da própria mudança, pelos atores de sempre”, e conserva uma experiência que é a da história dos brincantes e “que se manterá viva e grávida de futuro enquanto puderem continuar a exprimi-la, narrá-la sob a forma de representação no espaço e a comunicá-la, a quem souber entender a mensagem”.

É interessante apontar que o enredo e os personagens do Boi do Norte – o Boi, o Nanico (uma espécie de pássaro), o Fazendeiro, o Médico, a Enfermeira, o Palhaço, a Rainha e o Toureiro – seguem a tradição instituída em 1920. Outros elementos também são sempre mantidos, como a bateria percussiva, os figurinos de calça xadrez e chapéu, a dança do boi e a utilização de um linguajar carregado de sotaque, para enfatizar o tom satírico.

O grupo faz questão de cantar a toada tradicional que embala os brincantes desde a década de 1920. Em 2011, Rui Graciano compôs uma nova música para o grupo, uma “marchinha carnavalesca”, a qual é cantada como um prelúdio que antecede a toada tradicional. Como o próprio compositor reconhece, o grupo aceita novas melodias, desde que seja mantida a tradicional. A “marchinha” é mais rápida e animada que a antiga toada, e essa variação de andamento entre as duas música exige agilidade, percepção e exatidão rítmica da bateria.

Nas apresentações do Boi do Norte, cantores e instrumentistas acompanham o grupo, mas não participam da encenação. Entre os instrumentos, encontram-se: violão, viola, tambor, alfaia, caixa, surdo, chocalho e reco-reco.

O Boi do Norte<sup>12</sup> narra a história de um boi que morre (e depois ressuscita) porque estava comendo a plantação de outro fazendeiro, e na letra da toada tradicional ouve-se: “Vem cá, vem cá, vem cá, olhe quem vem lá, é o bloco do Boi do Norte que chegou para brincar. Nós somos de Tangerina, viemos de Corumbá, compramos um boi do norte pra brincar o carnaval”. Corumbá é uma cidade situada no Mato Grosso do Sul, estado que se destaca na pecuária bovina do país, onde há o Boi-à-Serra, dança que sugere alguma proximidade com o folgado paranaense. Entretanto, não foi encontrado nenhum município no país com o nome de tangerina. Talvez a cantoria refira à produção agrícola<sup>13</sup> da fruta.

No enredo, a enfermeira vende mercadorias do Paraguai; na letra da música, os brincantes “vieram” de Corumbá; os desenhos rítmicos são inspirados no boi-bumbá de Parintins. Assim, percebe-se uma conjugação de lugares que se materializam na festa do boi, ou seja, através desta manifestação cultural é possível identificar em um lugar,

Antonina, outros lugares se manifestarem.

Até 2007 só havia um bloco de boi em Antonina, o Boi do Norte, fundado em 1920 por Bedenague Luiz Pedro com o nome de Boi Barroso. Nesta parte da entrevista, Alessandra revela como Vera L. Nascimento e Elizabeth Carraro criaram o segundo grupo, resgatando o antigo nome do Boi Barroso:

[...]até 2007 era um boi só. Houve um pequeno desentendimento na diretoria, e quando elas saíram elas montaram um outro boi pra elas. Elas até carregam o mesmo nome, que era o da fundação, porque o boi quando foi fundado, foi fundado como Boi Barroso e depois mudou de nome, mas simplesmente continuaram os mesmos integrantes. Aí elas usam o mesmo nome de 1920, que era o primeiro nome do boi, já que o nome delas é Boi Barroso também. Mas como histórico mesmo quem fundou o carnaval em Antonina foi o Boi do Norte com o nome do Boi Barroso. [...]

- *Você sabe o que motivou elas a saírem?*

Então, a questão foi mais ou menos assim: é..., eu já fazia parte da diretoria. Houve uma reunião em que foi levantada a questão assim, é...fulano de tal não pôde estar presente num evento porque ele estava sujo, porque ele não tinha tomado banho. Tem muita gente aqui assim, né, e a gente, na época não fazia parte da diretoria, a gente participava das reuniões mas não fazia parte efetiva da diretoria. Como aconteceu isso, é...houve todo um, um...*(silêncio)* movimento, vamos dizer assim, foi dita uma frase que não foi bem entendida, foi falado assim: -“É...essa base não nos serve, discriminatória não nos serve.” Mas não foi bem entendida, que daí foi quando a Beth falou assim: -“Se essa base não serve pra vocês nós estamos caindo fora.” É...foi até uma frase que, eu sei que você tá gravando, mas foi uma frase que foi dita que, quem tava junto ouviu, foi dito que: - “Pode ficar com esse boi morto de vocês.” Então isso foi dito pra nós. Tá beleza, ela disse assim: -“Nós estamos fora, né, Vera.” A gente conversa, a gente se fala, nós não estamos..., hoje em dia nós lutamos pelo mesmo interesse. Os blocos não são bem valorizados, nem o nosso nem o delas, nem o do Caetano, que é o Apinajé.

- *Mas o bloco dele não é de boi.*

Não, o dele não, é o mesmo fundador mas o dele não é de boi. O dele é o índio, o dele é folclórico. Então houve essa discussão, teve um stress muito grande, e elas montaram. Nós tínhamos uma casa, era a mesma, nós usávamos aquela casa *(espaço cedido pela Prefeitura de Antonina para viabilizar o trabalho do grupo)*.

- *Aquela casa do boi?*

Aquela casa do boi e por uma questão política, a gente até que tinha assinado, acomodado tudo na casa, e o prefeito disse: -“Não, vocês saem da casa e elas ficam.”

O Boi Barroso, conhecido como “boi rico”, é constituído por pessoas com mais recursos financeiros e maior participação política na cidade de



Antonina, e parece receber alguns privilégios não concedidos ao grupo Boi do Norte, o “boi pobre”.

Apesar de não haver uma disputa oficial entre os blocos de boi, como acontece, por exemplo, no Festival de Parintins (onde há uma competição entre as agremiações do Boi Caprichoso e do Boi Garantido), aparentemente, há certa tensão entre os grupos antoninenses, o que se constata em alguns momentos das entrevistas realizadas, nos quais a fala dos interlocutores se mostra mais pausada e cuidadosa, ou seja, menos espontânea.

Na perspectiva discursiva, “o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria”, afirma Orlandi (2007, p.23). Os silêncios e as reticências nesta parte da fala de Alexandra mostram que a dissidência de uma parte do grupo, que passa a constituir um novo bloco de boi, ainda gera certo desconforto.

Assim, entre sons e silêncios, harmonias e dissonâncias, os brincantes imprimem suas marcas na paisagem antoninense, mesclando sonho e realidade.

Ao contemplar a dimensão material e simbólica da existência humana, os aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivido, onde passado e presente coexistem, a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais e emerge segundo as experiências de cada indivíduo, bem como daqueles que o precederam. Nesse sentido, os estudos da paisagem à luz da geografia cultural possibilitam uma investigação científica na qual a intelectualidade e a sensibilidade humana estejam presentes, retratando a pluralidade do mundo.

## Considerações Finais

A geografia cultural busca caminhos que conduzam ao entendimento de como homens e mulheres se compreendem e constroem significações nas suas relações com o espaço. É nesse contexto que a paisagem pode exprimir o sentido e o significado que indivíduos e sociedades dão às suas vivências socioespaciais.

Como todo espetáculo popular, o boi-de-mamão se renova em sua prática, enquanto expressão cultural. No cotidiano dos artistas populares, a riqueza do espaço vivido é contada e cantada nas múltiplas narrativas do folguedo, revelando a imaginação criadora dos atores sociais.

O grupo do Boi do Norte constitui-se como um bloco folclórico que realiza suas encenações nas ruas de Antonina, durante os desfiles de carnaval, e em eventos públicos. Os personagens, a indumentária, os instrumentos e as cantorias do folguedo do boi narram histórias da comunidade local,

revelando os valores compartilhados socialmente – uma riqueza que, certamente, merece maiores investigações.

A dinâmica do boi-de-mamão reflete o próprio movimento da vida, o encontro com o outro despertando o autoencontro. Ao tentar apreender a expressão artística que alimenta a tradição do folguedo paranaense, busca-se ouvir a melodia que ecoa nas profundezas do ser, a “música que cura todos os males”, uma tonificação da vida.

## Referências

ABREU SILVA, Gustavo Henrique; COSTA SILVA, Josué da. A música dos bois-bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense. p.97-116. In KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1<sup>o</sup> vol., 1959.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Tradução de: SCHMID, Aloísio Leoni. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de: PIMENTA, Luiz F. ; PIMENTA, Margareth de Castro A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FURLANETTO, B.H.; FILIZOLA, R. Paisagens e fronteiras culturais. **Anais...III CEPIAL/Congresso de Cultura e Educação para Integração da América Latina**. Casa Latino-americana, UFPR, Curitiba, 2012.

FURLANETTO, B.H.; KOZEL, S. Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: religiosidade em arte cômica. **Anais...IV Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER)**. Universidade

de Santa Maria, 2011.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. Porto Alegre: **Revista da ABEM**, n.10, p. 43 – 51, março, 2004.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2009. p.129-175.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Tradução de: SALVATERRA, Alexandre. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PAVIANI, Jayme. **Formas do Dizer**: questões de método, conhecimento e linguagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução de: FONTEERRADA, Marisa T. São Paulo: UNESP, 2001.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Tradução de: FONTEERRADA, Marisa; SILVA, Magda R. Gomes da; PASCOAL, Maria Lúcia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SOARES, Doralécio. **Boi-de-mamão catarinense**. Cadernos de folclore n. 27. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. Paisagens Sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Ra'e ga**, Curitiba, n. 20, p.123-132, 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/view/2061>>. Acesso em: 07/03/2012.

WILLES, J.L. et al. Narrative analysis as a strategy for understanding interview talk in geographic research. **Royal Geographical Society**, Area 37.1, p.89-99, 2005.

## “Sense of the Past” in the (In)Authenticity in the Experience of the Place in Bixiga

---

**Abstract:** To comprehend the relationship between individuals and their place through the mediation of cultural manifestations must pay attention not only to the spatial component of geographical analysis, the sense of place, but also to the temporal component, the "sense of the past", the memory formed from the union between the social imaginary and individual experiences in the place, which, understood as a phenomenon, open and marked by eventualities, allows for the understanding of the geographicity in the geographical existence in the world.

**Keywords:** Authenticity. Memory. Cultural Manifestation. Place. Samba.

---

## El “Sentido de Pasado” en la (In)Autenticidad de la Experiencia del Lugar en el Bixiga

---

**Resumen:** Comprender la relación entre los individuos y su lugar, a través de la mediación de las manifestaciones culturales debe prestar atención no sólo a el componente espacial de análisis geográfico, el sentido de lugar, sino también a el componente temporal, el "sentido del pasado", a la memoria que consiste de la unión entre el imaginario social y las experiencias individuales en el lugar, que, entendido como un fenómeno, abierto, marcado por la eventualidad permite la comprensión de la geograficidad de la presencia geográfica en el mundo.

**Palabras-clave:** Autenticidad. Memoria. Manifestación Cultural. Lugar. Samba.

---

## Notas

<sup>1</sup>Andrade (1959) classifica o bumba-meu-boi como uma dança dramática, relacionando-o ao Reisado, uma apresentação dramático-coreográfica de romances e cantigas populares. A expressão danças dramáticas foi criada pelo autor para designar os bailados populares brasileiros que têm uma parte representada ou que se baseiam em um assunto. Para Meyer (1993), o bumba-meu-boi é um dos folguedos mais deslumbrantes do país. Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Câmara Cascudo (1954) refere-se ao bumba-meu-boi como folguedo e auto popular. O espetáculo do boi constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. O enredo narra, não necessariamente, o mito da morte e ressurreição, resgatando uma história típica das relações sociais e econômicas da região nordestina durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão. Em quase todas as regiões brasileiras onde aparece o folguedo, a temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em uma enorme festa para comemorar o milagre.

<sup>2</sup>Conhecido anteriormente como boi-de-pau, boi-de-palha, boi-de-pano, boi-de-melão e finalmente boi-de-mamão, essa designação atribui-se devido à utilização de mamões verdes para a confecção da cabeça do boi, de acordo com Cascudo (1954) e Soares (1978).

<sup>3</sup>O documento, nesta pesquisa, é entendido como qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais, contida em um suporte material, bem como informações orais obtidas através de diálogo, exposições, aula, reportagens faladas, conforme Chizzotti (2003).

<sup>4</sup>A atividade descritiva é uma constante durante o procedimento de pesquisa bibliográfica e de campo. O descrever é um ato inconcluso e seu acabamento é provisório. Segundo Paviani (1998, p.19), a descrição não é uma simples operação, “requer postura específica perante o fenômeno e treinamento, precisa de procedimentos técnicos capazes de, ao mesmo tempo, distingui-la e articulá-la com outros meios próprios da análise, da interpretação ou de qualquer outra operação intelectual”.

<sup>5</sup>O “boi” é um artefato que dança animado por pessoas (denominadas “miolos”) que entram na sua armação.

<sup>6</sup>“Brincadeira” é uma expressão nativa usada em vários folguedos brasileiros, assinalando sua dimensão lúdica e festiva.

<sup>7</sup>Cosgrove trata a cultura como uma construção social e politicamente contestada, identificando culturas dominantes, que influem mais na formação das paisagens e que tem sua consolidação associada ao poder na

sociedade, ao lado de culturas alternativas, que são menos visíveis no contexto social e espacial. O autor associa à geografia cultural um papel crítico, no qual se analisa a organização espacial e da paisagem, contribuindo para o “melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos” (COSGROVE, 1998, p.121).

<sup>8</sup>O sujeito em questão é um “*sujeito coletivo*: é uma sociedade, dotada de uma história e de um meio”, esclarece Berque (1998, p.86, grifos do autor).

<sup>9</sup>*Soundscape* é um neologismo criado por Schafer e que tem sido consensualmente traduzido, nos países latinos, por “paisagem sonora”. “A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*”, conforme Schafer (2001, p.23). O autor acentua que o ambiente acústico do mundo atual se mostra superpovoado de sons, os quais aumentam com o crescimento populacional e com o desenvolvimento das novas tecnologias: a poluição sonora emerge como um problema mundial, e decorre pelo fato do homem não escutar cuidadosamente. Considerando inumanos os ambientes nos quais os sons interferem na capacidade dos homens se comunicarem, Schafer propõe um projeto acústico que promova a “limpeza dos ouvidos”, sugerindo o desenvolvimento de um ouvinte que escuta e pensa o seu entorno sonoro, um “ouvido pensante”.

<sup>10</sup>Em Portugal e no antigo Império Português, freguesia é o nome dado à menor divisão administrativa, correspondente à paróquia civil de outros países.

<sup>11</sup>A comicidade do boi-de-mamão parece ocultar significados multifacetados, entre os quais se percebem questões referentes à religiosidade, discutidas em FURLANETTO e KOZEL (2011), FURLANETTO e FILIZOLA (2012).

<sup>12</sup>Em Mato Grosso, as lendas e danças reverenciam o boi que é denominado de Boi-à-Serra, variante do bumba-meu-boi do Maranhão, uma ficção pastoril em forma de teatro originário das festas de Natal, Reis e Carnaval. O Boi-à-Serra foi muito difundido em Mato Grosso, onde a atividade econômica predominante eram os engenhos de açúcar. Enquanto dançavam, as pessoas cantavam uma toada que conta toda a trajetória de vida e morte de um boi que é capturado por destemidos vaqueiros. Atualmente, a dança está muito modificada, ou inserida num outro folguedo popular, o Siriri. O Boi-à-Serra é um folguedo do carnaval mato-grossense. Durante os festejos do carnaval, as pessoas ainda brincam, em alguns lugares, o Siriri, o Entrudo, o Boi-à-Serra e também o Cururu, que é uma manifestação quase sempre ligada à religiosidade do povo.

<sup>13</sup>De acordo com os dados da Faostad, órgão das Nações Unidas, em 2010 o Brasil foi apontado como o maior produtor de laranja do mundo, o terceiro maior de tangerina e o quarto maior produtor de limões e limas. A produção se concentra em São Paulo (76%), Bahia (6%), Sergipe (4%) e Paraná (4%), conforme o IBGE. Arroz, banana, cana-de-açúcar, tangerina, feijão, mandioca, maracujá, milho e tomate fazem parte da produção agrícola de Antonina, segundo dados do Ipardes (2010).